

**A FAMÍLIA NO PROCESSO DE
AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA LINGUAGEM**

Aurora de Jesus RODRIGUES
Universidade Católica de São Paulo

ABSTRACT: *The author deals with the family influence on the process of language acquisition and development. She focus the interference of social aspects on the process, as well.*

Key-words: Acquisition - developpment - family - language.

RESUMO: *A autora discorre sobre a influência da família no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Aborda, também, aspectos sociais que interferem nesse processo.*

Unitermos: Aquisição - desenvolvimento - família - linguagem.

0. Introdução

A aquisição da linguagem é um evoluir constante e está sujeita à influência de diversas variáveis.

Não pretendemos aqui esgotar a matéria, nem mesmo arrolar todas as variáveis que podem influir de forma decisiva na questão em tela. Apenas selecionamos algumas variáveis e lembramos alguns exemplos mais diretamente relacionados com as variáveis destacadas para análise no presente estudo. Com

isso pretendemos oferecer um contexto de informações úteis para a análise dos dados colhidos.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem sofrem o impacto de muitas variáveis intrinsecamente relacionadas umas com as outras, de tal sorte que é extremamente difícil obter resultados puros do efeito de cada uma no evoluir do falar do ser humano, até mesmo porque questões éticas (Drew, 1980) inviabilizam certos procedimentos de pesquisa.

Ao focar um falante de qualquer idade, é impossível controlar outros efeitos decorrentes de outras variáveis que não o ponto em que está na curva de sua amplitude de vida. Ele traz consigo as marcas de suas experiências passadas; de sua convivência no lar, na escola, nos grupos de brinquedos; do contexto sócio cultural que partilhou; das enfermidades que teve e dos gens que herdou. Mais ainda, o contexto presente também influi nos resultados.

Nem sempre, ao focalizar um texto, o leitor tem presente tal complexidade; nem o autor, ao redigir um discurso sobre o desempenho verbal, alerta a sua audiência menos experiente de que seu trabalho é apenas um recorte desse complexo fenômeno. É preciso ter presente essa complexidade subjacente aos aspectos aqui destacados para estudo.

No presente trabalho, abordaremos a influência da família no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

1. A família

A família constitui um marco importante no que se refere à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem. Há diferenças quantitativas e qualitativas no que se refere à linguagem que pais e mães dirigem a seus filhos.

Um aspecto relevante que condiciona a aquisição e o desenvolvimento da linguagem refere-se à interação mãe-

criança. A partir de Chomsky, difundiu-se amplamente a idéia de que a criança nasce com a habilidade inata de construir regras geradoras de estruturas sintáticas básicas. Skinner (1957), por sua vez, considera a aquisição do comportamento verbal como resultante de interação do organismo com o meio. No contexto, podemos lembrar que a noção da imitação para o desenvolvimento da fala normal também teve ora um enfoque nativista (imitar é inato) ora ambientalista (interagir com o ambiente) e, mais recentemente, a distinção de modelo imitação alcançou destaque (Bandura, 1974), conceitos estes retomados e desenvolvidos por Carvalho (1979).

Whithurst e Vasta (1975) preconizavam a necessidade de pesquisar os mecanismos imitativos e as contingências de reforçamento utilizados nos procedimentos experimentais, de vez que ocorreriam de forma análoga na aquisição da linguagem no ambiente natural.

Estudos de psicolinguistas como Snow (1972), Nelson (1973) e os revistos por Proctor (1985) valorizavam a necessidade de se estudar a influência do ambiente linguístico apresentado pelos adultos que cuidam de crianças. Como observamos, as variáveis de estimulação dos adultos, principalmente da mães, que mais convivem com as crianças, podem acelerar ou retardar a fala. Assim, ao estudarmos a interação mãe-criança, consideraremos o termo interação, segundo a definição de Ramos (1979, p.22): “um fluxo de influências recíprocas entre os comportamentos da mãe e da criança, ou entre membros de uma díade, sem, no entanto, a suposição prévia de relações causais entre os comportamentos estudados”.

Rocha (1979) constatou que, independentemente da metodologia utilizada, tamanho da amostra, faixa etária dos sujeitos e diferenças sócio-culturais, em estudos sobre a interação verbal adulto-criança, percebe-se a mãe como um modelo para o desenvolvimento verbal infantil e que a mãe adapta as suas verbalizações à capacidade verbal do filho.

É necessário que detectemos os atributos relevantes que auxiliam na aquisição da linguagem. A maneira de os adultos se dirigirem à criança é bem característica. Esse registro foi designado como *motheresse* ou modelos maternos (Gleitman, Newport e Gleitman, 1984). Essa fala é empregada não apenas pelas mães quando se dirigem às crianças, mas por outras mulheres que não são mães e interagem com as crianças (Snow, 1972), pelos pais (Rondal, 1980; Malone e Guy, 1982 e Hladik e Edwards, 1984) e pelas próprias crianças que conversam com outras mais novas (Dunn e Kendrick, 1982).

Soto de Alegre e Carmen Zaina (1988) afirmam que a participação dos adultos nas atividades de crianças de até seis anos promove a interação social, convergindo para um satisfatório desenvolvimento lingüístico. Dessa forma, verifica-se que a influência dos pais e da comunidade atua de forma relevante no que se refere ao desenvolvimento da fala infantil.

Elliot (1981) apresenta as características próprias do tipo de fala que é dirigida às crianças em fase de aquisição - traços paralingüísticos: tom alto, entonação exagerada; - traços sintáticos: menor comprimento da MLU (*meanlength utterance* - extensão média do enunciado), menor número de formas e modificadores verbais, menor número de orações subordinadas e intercaladas por enunciado, menor comprimento médio do provérbio, mais enunciados sem verbo, mais palavras de conteúdo, menos palavras funcionais; e - traços do discurso: mais frases interrogativas e imperativas, fala mais fluente e inteligível, e mais repetições, sejam completas, parciais ou semânticas.

Além dessas características, ocorre uma calibração da fala dirigida à criança, de acordo com o repertório apresentado por esta, ou seja, os adultos alteram o timbre da voz dependendo da idade da criança a quem se dirigem (Ramos, 1979).

Malone e Guy (1982) compararam a fala dos pais e mães com seus filhos de três anos de idade. Embora os pais e as mães utilizassem número similar de expressões com os filhos, os

padrões de fala eram muito diferentes. A fala dos pais é mais controladora e a das mães é mais voltada à criança.

No contexto das relações adulto-criança, mesmo no âmbito do lar, não é possível ignorar que a criança também tem um papel ativo muito importante, por manter a mãe respondendo a ela e influenciando na qualidade da interação. Em sua revisão de dados da literatura e com seus próprios resultados, Murray e Trevarthen (1986) demonstraram experimentalmente que o comportamento da criança influi de forma previsível e sistemática nas verbalizações de suas mães desde as primeiras semanas de vida.

Gonçalves (1988) confere à atividade dialógica entre mãe e filho uma função primordial na questão do desenvolvimento da linguagem. Nesse sentido, a mãe é tida como a co-autora do desenvolvimento comunicativo-lingüístico de seu filho. Assim, a criança vivencia, a partir do discurso de sua mãe, as mais variadas construções gramaticais, enriquecendo o seu repertório verbal.

Harkness (1988) retoma o conceito de contingência semântica, ou seja, seus estudos demonstram que a fala materna promove o desenvolvimento normal da fala infantil a partir da conexão semântica entre os interlocutores focalizados: mãe e filho numa interação constante.

Em suas pesquisas, Nailges (1990) concluiu que os diferentes empregos sintáticos apresentados às crianças induzem-nas a aprenderem os significados verbais. Tal ocorrência somente se verifica quando há uma contínua troca de experiências verbais entre crianças e adultos. O entrosamento lingüístico favorece o desempenho desejado em níveis de emissão e de apreensão semântica.

Sendo a mãe o elemento familiar que mais convive com o filho, é natural que sua influência seja evidenciada no comportamento escolar. Stevenson e Baker (1987), relataram que os pais envolvem-se mais com os seus filhos menores, sobretudo os pré-escolares. Quanto ao grau de escolaridade dos pais, aqueles que detêm mais instrução preocupam-se mais com

a vida escolar dos filhos. Dessa maneira, o entrosamento lar-escola promove situações agradáveis que permitem o fácil acesso ao satisfatório desempenho lingüístico; isto porque a criança é constantemente estimulada no ambiente em que está inserida.

Ratner (1988) analisou a influência dos pais e das mães sobre um grupo de crianças. Ficou comprovado que os pais utilizavam um vocabulário comum à sua necessidade social, enquanto as mães adaptavam sua fala às produções infantil. Assim continua sendo a mãe a grande responsável pelo desenvolvimento da fala infantil.

Nesse contexto, vale lembrar que a criança se encontra em um ambiente multicultural. Nessas circunstâncias, cabe à escola e à família usar estratégias específicas que não apenas facilitem a aprendizagem da linguagem (oral, escrita, leitura), mas que o façam desenvolvendo positivas em relação às culturas e linguagens envolvidas (Wallace, 1988).

Friedlander e seus colaboradores (1972) reconheceram o papel do ambiente familiar na modelagem do desenvolvimento lingüístico da criança. Contudo, as demais variantes nível sócio econômico e idade, também contribuem para esse desenvolvimento.

Uma variável intrinsecamente associada à família diz respeito às suas condições sociais e que são freqüentemente consideradas tão fortes, que se tornam elementos para a caracterização do próprio sujeito e de sua expressão lingüística. É o que enfocaremos sucintamente a seguir.

2. Aspectos Sociais

As diferenças de comportamento verbal de crianças provenientes de diferentes classes sociais têm sido estudadas extensivamente por especialistas de várias áreas, como é o caso

dos lingüistas, dos sociolingüistas, dos psicolingüistas e do fonoaudiólogos, entre outros.

O ambiente verbal também foi estudado por Holzman (1972), que constatou não haver diferença de produção na classe baixa e na alta. Apenas se verificou o emprego da língua fora do seu padrão culto pelos falantes de classe baixa, o que normalmente ocorre em todas as línguas.

Autores como Witter (1971, 1977), Geis (1985), Oliveira (1985), Lins (1985) e Wertzner (1986), revendo a literatura constataram que crianças da classe baixa apresentam desempenho linguístico abaixo do concretizado por crianças de classe média, em aspectos específicos.

Há estudos que não têm encontrado diferenças significantes atribuíveis às classes sociais (Witter, 1977). Mais recentemente, Wertzner (1986) verificou não haver diferenças de desempenho verbal entre crianças das classes baixa e média alta.

A realidade mostra que as crianças nascidas nos lares desprivilegiados podem ser consideradas “crianças de risco”, não apenas no que diz respeito aos aspectos biossociais, mas também psicoeducacionais (Carta, 1998). Há necessidade de cuidados especiais e de pesquisas que permitam conhecê-las melhor e atendê-las adequadamente, aperfeiçoando seu potencial de desenvolvimento.

3. Conclusão

Pode-se depreender destas constatações que o aspecto social não desestabiliza a homogeneidade lingüística. As dificuldades acadêmicas podem, em parte, estar sendo geradas por inadequações ou incompetência da escola para atender satisfatoriamente a sua clientela, como demonstraram os dados

de Oliveira (1978), que só encontrou diferenças aos seis anos, quando o impacto de escolas diferenciadas já se fazia presente.

Assim, é necessário considerar o meio acadêmico neste desenvolvimento, visto que está largamente difundida a idéia de que a escola afeta positiva ou negativamente o desenvolvimento da linguagem. Nem poderia ser diferente, visto que a escola funciona a partir da troca de experiências, sobretudo orais, daí porque o desempenho lingüístico tende a progredir. Assim, a criança da classe média ingressa na escola maternal ou mias comumente na pré-escola, o que estimula sua verbalização, que é mais acelerada do que a da criança de classe baixa, que se vê desprovida desse acesso. A qualidade de ensino nas escolas públicas deixa muito a desejar. Reforçando esta situação, ressalte-se que a baixa escolaridade da população, fruto do descaso governamental, promove a permanência da baixa qualidade de ensino. Esta situação impede o desenvolvimento social e, por conseguinte, o despreparo acadêmico emerge, refletindo na má utilização da própria língua (Palma, 1991). O abandono precoce da escola está comprovado estatisticamente: apenas 27% das crianças concluem o primeiro grau e, em São Paulo, apenas 32% (IBGE, Anuários Estatísticos do Brasil, 1987, 1988, 1989). Deve-se atentar para a ocorrência do analfabetismo funcional, compreendendo a aprendizagem de rudimentos de escrita que não podem ser utilizados, pois não atendem às exigências mínimas da sociedade.

Outro problema que contribui para a abaixa escolarização refere-se à má distribuição de renda. Brasileiros de um bom nível econômico detém o privilégio de freqüência às melhores escolas, enquanto os pobres ficam sujeitos às contingências de um ensino deficiente. Enquanto não houver uma reversão desse quadro econômico, os alunos sofrerão lacunas no processo de ensino-aprendizagem.

Revestindo esse cenário da educação, há o estigma, a má remuneração do professor, que o obriga a trabalhar excessivamente, o que compromete o seu desempenho ideal. O potencial lingüístico de seus alunos é mal aproveitado, visto que

as aulas tornam-se monótonas, sem a participação efetiva de todos os implicados no processo educativo.

A Secretaria de Educação de São Paulo tem realizado estudos acerca da alta rotatividade dos professores em escolas periféricas. O fator muito comum, devido às dificuldades de acesso dos educadores aos locais em que situam as escolas, dificulta a manutenção de um grau mínimo necessário de entrosamento didático-pedagógico responsável pela aquisição de suas potencialidades lingüísticas.

Urge que a escola trabalhe a favor dos menos favorecidos, apresentando-lhes situações e materiais desafiadores, promovendo a sua integração e o seu desenvolvimento social.

BIBLIOGRAFIA

- _____ - *O Psicólogo Escolar Pesquisa o Ensino. Tese de Livre Docência* - IPUSP - São Paulo, 1977.
- BANDURA, A. *Behavior Theory and the Models of Man. American Psychologist*, 1974, 29, 859-869
- BERNSTEIN, B. - *Reflexões - Social structure, language and learning. Educational Research*, 1961, 3, 163-176.
- CARTA, J.J. - *Education for young children in inner-city classrooms. American Behavioral Scientist*, 1991, 34 (4): 440-453.
- CARVALHO, C.M.C. de. - *Representações de professores do 1º grau de escolas de periferia: estudo de caso. Tese de doutorado, IPUSP, São Paulo, 1983.*
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures. The Hague: Mouton, 1958*
- DUNN, J. & KENDRICK, C. - *The speech of two-and three-years-old to infant siblings: "baby talk" and the context of communication, Journal of Child Language*, 1982, 9, 337,355.
- ELLIOT, A.J.A.- *Child Language-* Cambridge: Cambridge Un. Press, 1981.
- FRIEDLANDER, B.Z.; JACOBS, A.C.; DAVIS, B.B. e WETSTONE, H.S. - *Time - sampling analysis of infants' natural, language*

- environments in the home. Child Development. 1972, 43, 730-740.*
- GEIS, R.M. - Fracasso escolar, linguagem e classe social: estudo exploratório da fala de alunos da primeira série de escolas públicas. *Dissertação de mestrado*, IPUSP, São Paulo, 1985.
- GLEITMAN, L.R.; NEWPORT, E.L. e GLEITMAN, H.- *The current status of the motherese hypothesis. Journal of Child Language*, 1984, 14, 43-79.
- GONÇALVES, M.J. - "A Construção da Fala pela Criança: Primeiros Resultados" in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, PUC CAMP, Campinas, 1988, 14, Jan - Jun., 119-129.
- HARKNESS, S. - *The Cultural Construction of Semantic Contingency in Mother - Child Speech - Language Sciences - Pennsylvania*, 1988, 10, 1, 53-67.
- HLADIK, E.G. e EDWARDS, H.T. - *A comparative analysis of mother -father speech in the naturalistic home environment. Journal of Psycholinguistic Research*, 1984, 13, 321-332.
- HOLZMAN, M. - The use interrogative forms in the verbal interaction of three mothers and their children. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1972, 1 (4): 311-336.
- LINS, M.L.F. - Investigação da Precisão e Validade da Técnica do Desempenho Verbal Infantil. *Tese de doutorado*, IPUSP, São Paulo, 1985.
- MALONE, M.J. e GUY, R. - A comparison of Mother's and Father's e Speech to their 3 year old sons. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1982, 11 (6): 599-699
- MENYUK, P. - *The Acquisition and Development of Language. Englewood Cliffs*, Prentice Hall, 1971.
- MURRAY, L. THEVARTHEN, C.- The infant's role in mother infant communications - *Journal of Child Language*, 1986, 13 (1): 15-29.
- NAIGLES, L. - Children Use Syntax to Learn Verb Meanings. *Journal of Child Language*, New Haven, 1990, 17, 2, June, 357-374.
- NELSON, C. - *Structure and strategy in learning to talk. Monographs of the Society for Research in Child Development*. 38 (1-2): 1 - 137, 1973.
- OLIVEIRA, M.B.F. - Vocabulário, Imitação e Compreensão de Pré-Escolares em Níveis Sócio-econômicos Distintos - *Dissertação de mestrado da FFLCH da USP*, São Paulo, 1978.

- PROCTOR, A. - *Social interaction as related to language acquisition: na annotated bibliography*, Folia Phoniatric, 1985, 37, 87-104.
- RAMOS, A.T.A. - Estudo descritivo de relações conringenciais no intercâmbio verbal de criança com retardo no desenvolvimento da fala, com a professora e a mãe, em situação natural. *Dissertação de mestrado*, IPUSP, São Paulo, 1979.
- RATNER, N.B. - Patterns of parental vocabulary selection in speech to very young children - *Journal of Child Language*, 15 (1988), 481-492.
- ROCHA, N.M.D. - Desempenho Verbal de Pré-escolares. Emissão de "tato" face a figuras. *Dissertação de mestrado*, IPUSP, São Paulo, 1976
- RONDAL, J.A. - Fathers' and mothers speech in early, language development. *Journal of Child Language*, 1980, 7, 353-369.
- SKINNER, B.F. - *Verbal Behavior* - Nw York; Appleton - Century-Croft, 1957, p. 2-10.
- SONW, C.E. - *Mother's speech to children learning language*. *Child Development*, 43 (2): 549-65, 1972.
- SOTO de ALEGRE, C.A. & CARMEN ZAINA, A. de - *Sitaciones interactivas enriquecedoras del desrolllo lingulstico del niño de 0 a 6 años*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 1988, 12, July-Dec, 91 -98.
- STEVENSON, D.L. BAKER, D.P. - *The Family School Relation and the Child's School Performance* - *Chile Development*, 1987, 58, 1348-1357.
- TULKIN, S.R. - Na analysis of the concept of cultural deprivation. *Development Psychology*. 6. (2): 326-39, 1972.
- WALLACE, C. *Learning to read in a multicultural society. The social context of second language literacy*. New York: Prentice Hall, 1988.
- WHITEHURST, G.J. & VASTA, R. - Is language acquired throug imitation?. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1975, 4, 37-59.
- WITTER, G.P.; SALDANHA, P.H. ; SATO, T.; ROSA, J.T. ; CORRALTO, T.F. e COREZZATO, I.D. - *Privação Cultural - Instrução Programada*. Vetor Edit, Psico-Pedagogia, São Paulo, 1971.

.....

2

■

+

+